



GÊNERO

EDITORIAL

Este número da *Revista Gênero* agrega, de forma especial, os volumes seis, número dois, e sete, número um, do primeiro e segundo semestre de 2006. Isso não significa qualquer mudança na periodicidade semestral da revista, mas decisão desta editoria de acertos administrativos destinados a cumprimento de prazos de publicação.

A composição destes dois volumes inicia-se com uma homenagem às feministas *BERTHA LUTZ*, *SIMONE DE BEAUVOIR* e *BETTY FRIEDAN*, considerando que o ano de 2006 remete a falecimentos de Bertha e de Simone, respectivamente, há 30 e 20 anos, e de Betty, em fevereiro desse mesmo ano. O significado da vida e da obra dessas mulheres para o movimento de mulheres e pensamento feminista do século XX fala por si só. Lembrá-las é nossa obrigação.

Em seguida, um *dossiê* sobre o tema *Trabalho e Gênero*, organizado pela editoria da revista, coloca em cena reflexões sobre o trabalho. Atividade inalienável do ser humano, desde os primórdios da civilização, o trabalho constrói a pujança da sociedade industrial expandida nos últimos cinquenta anos e parece ensejar a possibilidade de conduzir a humanidade à libertação das lutas por sobrevivência. Todavia, no início do século XXI, cede lugar à desesperança diante do mercado trabalho desestruturado, ameaçando com o desemprego milhões de pessoas no mundo. No Brasil, elevadas jornadas de trabalho, baixos rendimentos, presença de crianças e velhos lutando pela sobrevivência tornam esta temática importante no estudo da realidade nacional. A esta percepção do significado do tema trabalho associa-se a reverberação social do movimento de mulheres: o espaço acadêmico foi invadido por novas concepções do pensamento feminista, multiplicaram-se os estudos sobre mercado de trabalho nos diversos campos disciplinares das Ciências Sociais e Humanas, tanto no Brasil como nos demais países, com viés de gênero. Este conceito referido às diferenças culturais entre os papéis feminino e masculino, historicamente construídas, permite a elaboração de uma análise feminista sobre a participação das mulheres e dos homens na sociedade e no mercado de trabalho. Os artigos selecionados para este *dossiê* refletem diferentes abordagens, contendo desde uma avaliação histórica da presença feminina num organismo internacional, feita pela acadêmica feminista francesa Françoise Thebaud, a um estudo sobre as diferenças de rendimentos entre os sexos, elaborado por Eugênia Troncoso Leone e Paulo Baltar, do prestigiado Centro de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho (CESIT) do Instituto de Economia da Unicamp. O perfil d@s trabalhador@s nos serviços, no emprego doméstico e no mercado da beleza foi traçado nos artigos de Osiris Marques, Kátia Namir e Ruth Dweck e Alberto Di Sabbato. O tema comércio exterior foi tratado pelas especialistas Marta Castilho e Moema Guedes que, de forma pioneira, fazem uma resenha da literatura sobre questões de comércio e gênero. E, por último, Midihã Ferreira da Silva que, a partir de um estudo de caso de uma comunidade

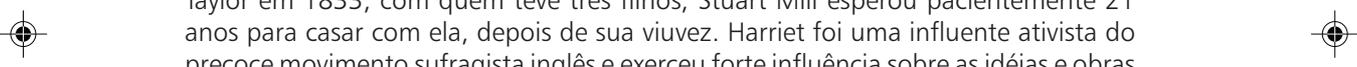
Niterói, v. 6, n. 2 - v. 7, n. 1, p. 5-8, 1. - 2. sem. 2006 **5**



GÊNERO

de baixa renda, faz uma discussão sobre a chefia domiciliar feminina e a aceitação desse conceito como um indicador da maior pobreza das mulheres na sociedade brasileira e latino-americana.

Como contribuição teórica à evolução do pensamento feminista, a Revista *Gênero* reedita dois textos clássicos escritos em épocas diferentes e de enorme repercussão na trajetória do feminismo mundial. O primeiro, “A sujeição das mulheres”, de autoria do conhecido filósofo e economista inglês John Stuart Mill (1806–1873), publicado pela primeira vez em meados do século XIX, é a versão publicada pela revista *Literatura Econômica* do Instituto de Pesquisas Econômicas e Aplicadas (IPEA) em 1985; o segundo é o famoso artigo “Mulheres: a revolução mais longa”, da feminista inglesa Juliet Mitchell (1940 –), redigido no início dos anos 1960 e publicado na *New Left Review*, n. 40. No Brasil, foi editado pela *Revista Civilização Brasileira* em 1967. Cem anos separam as duas reflexões, mas ambas versam sobre a condição feminina na sociedade; sua leitura transmite certo amargor diante da constatação das dificuldades enfrentadas pelas mulheres para mudar seus destinos.



O emocionante ensaio “A sujeição das mulheres”, redigido por John Stuart Mill, foi uma homenagem póstuma a sua esposa Harriet Hardy Taylor (1807–1858), filha de Thomas Hardy e ativa defensora dos direitos das mulheres e paixão de sua vida. Mill conheceu Harriet em 1830, ainda solteira, mas esta se casou com John Taylor em 1833, com quem teve três filhos; Stuart Mill esperou pacientemente 21 anos para casar com ela, depois de sua viuvez. Harriet foi uma influente ativista do precoce movimento sufragista inglês e exerceu forte influência sobre as idéias e obras de Mill. Seu casamento com ele durou sete anos: Harriet morreu de tuberculose em 1858 na França. O ensaio que publicamos neste número é a primeira parte de “The subjection of woman”, primeira tradução em português deste célebre texto de Stuart Mill. A decisão da editoria de republicar este artigo deve-se à importância da denúncia sobre a opressão feminina nos marcos do feminismo liberal, por parte de um dos mais expressivos pensadores do século XIX. Decidiu-se trazê-lo para a leitura das novas gerações de estudios@s do tema, uma vez que a revista *Literatura Econômica* não é mais editada, e o volume que contém o citado texto está esgotado.

Juliet Mitchell, socialista e feminista inglesa, nascida na Nova Zelândia, ainda ativista, é brilhante professora da Universidade de Cambridge (Inglaterra). A jornalista feminista Cecília Toledo, escrevendo na revista *Marxismo Vivo*, cita uma entrevista de Mitchell, durante a Marcha Mundial das Mulheres em Londres, no ano 2000, na qual esta declara aos jornalistas que se descobriu feminista quando percebeu “já na universidade, que o mundo era organizado ao redor das diferenças de gênero; que havia, por exemplo, uma mulher para cada doze homens em Oxford”. Sua atividade como professora de Psicanálise e de Estudos de Gênero na Universidade de Cambridge e sua intensa produção acadêmica com diversos livros e artigos publicados, nestas últimas quatro décadas sobre a condição feminina, tornam-na uma pensadora importante do feminismo socialista. Particularmente, o artigo reeditado neste número

6 Niterói, v. 6, n. 2 - v. 7, n. 1, p. 5-8, 1. - 2. sem. 2006



GÊNERO

da *Revista Gênero* foi objeto de muitas reflexões do movimento feminista carioca nos anos 1970, no Centro da Mulher Brasileira. A leitura de “Mulheres: a revolução mais longa” naqueles anos sedimentou as idéias feministas, fazendo uma ponte entre a relação de classe e a condição de sexo. Foram horas de leituras e debates nos pequenos grupos de reflexão feministas sobre estas questões. Trazer este texto para a reflexão atual é reconhecer a sua importância na formação do pensamento de muitas feministas do Rio de Janeiro.

O bloco seguinte traz para os leitores da revista um tema muito polêmico e que divide o movimento feminista brasileiro; trata-se do Projeto de Lei da Deputada Luci Choinacki (PT/SC), intitulado “Aposentadoria para as Donas-de-Casa”, aprovado em 2005 e ainda não regulamentado pelo Congresso Nacional. Esta lei concede o benefício de um salário mínimo para as pessoas maiores de 60 anos do sexo feminino e 65 anos do sexo masculino que não tenham rendimentos e vivam em domicílios cujas rendas *per capita* sejam inferiores a dois salários mínimos. Esta renda está associada às tarefas exercidas pelas mulheres relativas à reprodução humana. Como estas são gratuitas, não geram rendimentos; o exercício destas tarefas condena as mulheres a dependerem da renda do marido e dos filhos para sobreviverem na velhice. A rejeição de algumas feministas a esta lei refere-se à percepção de que este benefício favorece a opção “do lar” em detrimento da consigna feminista de autonomia econômica para as mulheres em todas as idades adultas. Esta posição não é unânime no movimento; há muitas feministas e grupos de mulheres que defendem a concessão do benefício, até porque faz parte da agenda política do feminismo a denúncia do trabalho invisível realizado pelas mulheres nos interiores dos domicílios, e esta lei desnuda esta questão. Este bloco contém o texto do projeto de lei, uma das inúmeras defesas do projeto feita pela deputada Luci no plenário da Câmara Federal e a nota técnica, elaborada a pedido da ministra Nilcéa Freire, da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, para ser discutida com o Ministério da Previdência Social a respeito dos impactos da medida no orçamento da Previdência. Diante da importância do tema que tem suscitado uma enorme mobilização feminina de donas de casa, com comitês organizados em 14 estados brasileiros em defesa da regulamentação da lei, a nossa revista publica estes artigos como contribuição para o debate.

No seção “Resenha”, prepararam-se dois comentários sobre os livros: *Mulheres policiais*, de Bárbara M. Soares e Leonarda Musumeci, e *Mary Richmond: um olhar sobre os fundamentos do Serviço Social*, de Hilda Lopes R. da Silva, importantes contribuições ao avanço do entendimento da condição feminina na sociedade. Por último, comunicamos a noss@s leitor@s que a bolsista Sharon Teixeira Ohana, com o pôster sobre a *Revista Gênero*, obteve o primeiro lugar no IV Prêmio Josué de Castro da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal Fluminense, em 2006.

Em tempo: anunciamos aos leitores que a coleção completa da *Revista Gênero* pode ser acessada por meio do endereço eletrônico: www.portalfeminista.org.br.

Niterói, v. 6, n. 2 - v. 7, n. 1, p. 5-8, 1. - 2. sem. 2006 7



GÊNERO

Este portal, uma iniciativa da *Revista Estudos Feministas (REF)* do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, publica diversas revistas acadêmicas feministas brasileiras.

Boa leitura!

Hildete Pereira de Melo
João Bôsko Hora Góis
Suely Gomes Costa
Editores

8 *Niterói*, v. 6, n. 2 - v. 7, n. 1, p. 5-8, 1. - 2. sem. 2006